

A transitoriedade do sujeito contemporâneo

Carolina Cavalcanti Henriques,¹ Recife

RESUMO: O propósito deste trabalho é introduzir, por meio de uma breve exposição teórica, reflexões extraídas dos textos de Freud, especialmente “Sobre a transitoriedade” (1916/1969b), bem como outros trabalhos freudianos citados no texto, a fim de fornecer esclarecimentos sobre o tema. Foram utilizadas contribuições de alguns autores do campo social para ampliar a compreensão da leitura. Destaca-se também uma breve exposição de caso como fragmento clínico. O tema da melancolia (1917/1969a) busca proporcionar uma maior compreensão do sujeito contemporâneo, que se encontra aprisionado em um modelo de pulsão narcísica. Seria uma vitória da pulsão de morte sobre a vida? Essa questão permanece em aberto.

PALAVRAS-CHAVE: transitoriedade, vazio, contemporaneidade, sujeito, cultura.

Só resiste e é duradouro o que tem valor intrínseco e reflete um estado de alma que sofre, vive e se alegra das transitoriedades da vida terrena.

(Francisco Mignone, Compositor e regente)

Introdução

Proponho introduzir neste trabalho as reflexões extraídas de quatro momentos de autores que contribuíram para a compreensão e construção

1. Membro efetivo, analista didata e presidente da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE).

do melhor entendimento teórico que consegui conceber até o momento sobre este tema.

Como texto de referência, tomo principalmente o trabalho de Freud “Sobre a transitoriedade” (1916/1969b), seguido pelo importante texto “Luto e melancolia” (1917/1969a) e precedido pelo artigo “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (Freud, 1915/1969c), escritos logo após o início da Primeira Guerra Mundial. Embora algumas das ideias expressas nesse artigo sejam mencionadas anteriormente, elas estão mais estreitamente relacionadas às ideias contidas em seus escritos recentes sobre temas sociológicos, como “O futuro de uma ilusão” (1927/1987) e “O mal-estar na civilização” (1930/1996).

Essa trilogia ressalta o fato de que em todos os momentos e em todas as civilizações, o sujeito inexoravelmente enfrenta um vazio decorrente das perdas sofridas ao longo de suas existências. Como lidar com essas perdas e enfrentar as novas etapas, que se abrem numa espécie de fruição é o que pretendemos refletir. O texto “A transitoriedade” foi publicado em 1916. É interessante notar que Freud retomou a ideia central desse trabalho em uma de suas obras mais importantes, “Luto e melancolia” (1917/1969a).

O sujeito já nasce em uma condição de desamparo, que é o cerne da questão essencial da humanidade. Essa mesma condição está relacionada à possibilidade, maior ou menor, de o indivíduo ter atravessado os primeiros momentos de sua vida recebendo um provimento suficientemente acolhedor da mãe ou da figura que o amparou. Desamparo, vazio, perda, falta, são palavras que, substantivadas ou adjetivadas, podem ser compreendidas dentro de um mesmo contexto. Neste texto, buscarei refletir metapsicologicamente sobre o vazio e o luto, quando este último se refere à perda de alguma situação na qual o sujeito não soube ou não pôde se desvencilhar, não conseguindo metabolizá-la e tornando-se prisioneiro. Portanto, considerarei esse tipo de incapacidade de elaboração diante da perda de um amor, de um ente querido, de uma passagem do tempo, ou seja, uma situação extrema, como uma guerra, da qual Freud nos aponta com certa indignação em relação ao amigo poeta, como um modelo de

tristeza mais calcado em um estado melancólico.

Dessa forma, valendo-se da analogia com o luto, Freud descreve o processo da melancolia, apontando algumas diferenças que apresentarei a seguir. Além das evidências clínicas e teóricas contidas nos pensamentos apresentados sobre a relação entre esses dois fenômenos psicopatológicos, é possível extrair dos textos freudianos uma correlação com outros autores do campo social, dos quais tomaremos um pouco de seus saberes para melhor entender a transitoriedade do sujeito contemporâneo. Ao refletirmos sobre essa temática, sentimos a necessidade de ampliar a compreensão desse tema para outras áreas que também se ocupam e se preocupam com o ser humano.

Veremos a seguir os resultados obtidos no percurso metodológico adotado, a fim de compreender os novos desafios enfrentados pelo sujeito na contemporaneidade. Será que o sujeito da modernidade ou pós-modernidade, como alguns autores se referem, está vivendo um vazio que empobrece seu ego, encobrendo-o com uma espécie de cobertor narcísico diante da sombra do objeto perdido, o que o empobrece e o desola, levando-o a perder a capacidade de transitar no contínuo da vida? Será ele capaz de superar esse ponto de vácuo, que tanto pode paralisar quanto estimular a ação e o pensamento, encontrando novas saídas e inventando construções? Ou seja, saindo de uma postura paralisante e mortífera (Tânatos) para uma postura criativa (Eros)?

Para alcançar esse objetivo, é necessário determinar um procedimento metodológico que nos permita focalizar o essencial da abordagem psicanalítica à luz da metapsicologia freudiana, com um olhar atento para as principais formas clínicas, buscando articulá-las aos textos já mencionados e, especificamente, a “Luto e melancolia” (1917/1969a).

Procedimentos metodológicos

1. O sujeito da psicanálise;
2. A visão psicanalítica do sujeito inserido na cultura, hoje;
3. A transitoriedade do sujeito contemporâneo pelo viés da psicanálise;

4. Uma breve visão do campo social;
5. Fragmento clínico.

1. O sujeito da psicanálise

O sujeito da psicanálise, como sabemos, é o sujeito do inconsciente, atravessado pela linguagem e possuidor de um corpo erógeno. Embora Freud não tenha explicitado uma concepção de sujeito em sua teoria, parece ser possível sugerir que as diferentes acepções que o termo “objeto” adquire no decorrer de sua obra são determinantes para uma possível definição do que viria a ser o sujeito na teoria psicanalítica freudiana. Entendo que a discussão desse tema é de fundamental importância quando emerge com força renovada a proposição de uma teoria e uma prática psicanalítica intersubjetiva, em oposição à tradicional perspectiva intrapsíquica. Afinal, o objeto, para Freud, deve ser sempre entendido como um objeto psíquico ou é, também, um objeto real, externo? Quando os defensores de uma psicanálise intersubjetiva se referem a objetos e sujeitos, essas referências devem ser entendidas em termos de “entidades concretas” ou em termos de representações psíquicas, ou ainda, nos dois níveis simultaneamente.

Procurarei, inicialmente, caracterizar a concepção metapsicológica que postula as pulsões como um conceito limite entre o somático e o psíquico. Na constituição da subjetividade, o objeto é determinante, é ele que irá nos fazer nascer. Essa noção de objeto pode ser considerada predominante na obra de Freud. Por esse viés, a noção de objeto aparece basicamente de dois modos: ligada à noção de pulsão, quando os objetos são correlatos das pulsões, ou seja, os objetos das pulsões; e ligada à atração e ao amor/ódio, quando os objetos são correlatos do amor e do ódio. Para mitigar o destino humano que a pulsão nos apresenta, é imprescindível que ela esteja ligada à libido que, como sabemos, desempenha um papel de grande importância no processo de humanização do ser humano. É esse processo que a torna disruptiva, dando força ao surgimento da pulsão de morte.

A psicanálise, até 1920, tinha o princípio do prazer como o princípio

fundamental do funcionamento psíquico. Ou seja, o psiquismo buscava a obtenção do prazer e tentava afastar qualquer experiência desprazerosa. Contudo, após as experiências traumáticas da Primeira Guerra Mundial (1914/1918), os sofrimentos psíquicos e os sintomas traumáticos trazidos para a clínica freudiana começaram a denunciar que algo estava para “Além do princípio do prazer”.

Mas procurarei mostrar também que é possível derivar de Freud uma outra posição metapsicológica, que influenciou boa parte dos teóricos da psicanálise pós-freudiana, como Lacan e Winnicott: aquela que considera os objetos como determinantes originários na constituição da subjetividade. Aqui encontramos a evolução do pensamento freudiano com base no texto “Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância” (Freud, 1910/1990a), com destaque ainda para “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud, 1914/1990b) e, principalmente, “Luto e melancolia” (Freud, 1917/1969a), em que a concepção de “objetos de identificação” se torna fundamental na constituição do sujeito, especialmente através da noção de identificação primária. A noção de identificação primária é fundamental para compreender a noção de identificação e o aprisionamento pulsional no corpo (dores) e no ego (melancolia) e, precisamente, o sombreamento do objeto. Conforme nos diz Rocha (2008), “Não é de estranhar que tudo se torne, então, triste e escuro, se o ego mergulha, assim, na sombra do objeto. Dir-se-ia que há um eclipse de alma” (p. 148). Essa questão, esse vazio, é o que temos trabalhado no texto em que Freud fala da melancolia. Neste momento, vou deixar uma questão que me instigou e que tomei como base do meu trabalho de mestrado para dar maior ênfase nos substratos melancólicos na base das dores crônicas fibromiálgicas, mas as estendo para as incidências no corpo, esse palco das dores e amores.

Freud, em “O mal-estar na civilização” (1930/1996), mostrou que o mal-estar é uma nostalgia do pai e um apelo à sua proteção, presentes em qualquer problemática neurótica. No melancólico, isso o torna aprisionado a um tipo de imaginário narcisado, pois o melancólico toma o pai ou o morto como um Deus, e seu ego torna-se identificado narcisisticamente.

Todo bebê, ao nascer, vive as primeiras fases de sua vida em um estado fusional com a mãe ou função. Chega, porém, um momento em que esse tipo de vínculo é interrompido pela entrada em cena da figura do pai como portador da Lei simbólica. Para continuar a se desenvolver, a criança precisa aceitar essa Lei e assumir sua castração simbólica, ou seja, renunciar às ambições fálicas de seu narcisismo infantil. Surge, então, um grande conflito imposto à criança pela Lei do pai, que envolve sentimentos de amor e ódio em relação a essa figura paterna. Ela o odeia por tê-la separado de sua mãe, rompendo a relação fusional em que se encontrava, mas ao mesmo tempo, ela o ama e anseia por sua proteção. Para Freud, esse sentimento infantil perdura por toda a idade adulta.

2. A visão psicanalítica do sujeito inserido na cultura, hoje

Nesse breve percurso acerca do objeto da psicanálise, procuramos destacar a questão da identificação na constituição do sujeito, buscando compreendê-lo inserido na cultura contemporânea. O que podemos pensar sobre a humanidade na atualidade? Diante de um imperativo categórico de ser feliz a qualquer custo, retomo uma pergunta que nos instiga e que fizemos em nossa dissertação de mestrado, servindo como fio condutor para refletir sobre um sujeito que hoje se apresenta com um modo particular de constituição melancólica.

Será que o imperativo moderno de felicidade, ao imprimir uma intolerância à tristeza e ao fracasso, leva à crença de que a depressão é a doença do século e que deve ser combatida com vigor?

A) De que forma a investigação em torno da melancolia, enquanto modo particular de constituição de um sujeito, permitiria ressituar os fundamentos desse debate?

B) O campo difuso das depressões, por um lado, leva-nos a estudá-las como um modo de relação do sujeito com o outro, portanto, uma visão calcada no modelo de alteridade.

A especificidade da melancolia revela um modo particular de

constituição do sujeito, põe em questão a problemática dos laços primordiais. Na clínica, é sob a égide da tristeza que ambas se manifestam. Nosso grande desafio é estabelecer as diferenças, ou seja, desatar esses nós. Estamos rapidamente entrando no campo clínico, apresentando como modo habitual de apresentação sintomatológica dos pacientes que hoje nos procuram, modelos regredidos, enredados em si mesmos, exigindo de nós, analistas, que sejamos verdadeiros executores de amor.

Utilizando algumas metáforas apropriadas para as dores dos sujeitos contemporâneos, tentaremos ser desata-dores ou decifra-dores, tal qual Édipo diante da Esfinge em Tebas: “Decifra-me ou devoro-te”. Temos que aprender também a ser decifra-dores para amenizar o fosso que separa o homem moderno, solitário, narcisista, constantemente ameaçado por um desamparo sem fim, beirando ao desespero, em um mundo com tantos transeuntes perdidos e vagando em uma eterna solidão, em um tédio existencial.

São essas e outras questões que nos levam a refletir que há uma melancolia presentificada na sociedade contemporânea, que se opõe ao movimento da transitoriedade da vida, pois a melancolia prende e cola, impedindo um fluxo pulsional e deixando prevalecer Tântatos em detrimento de Eros.

Freud inicia “Sobre a transitoriedade” (1916/1969b) com o relato de uma conversa com um amigo poeta, Rainer Maria Rilke. Ao passearem pelo campo, juntos com Lou Salomé num dia de verão, admiravam o esplendor da natureza. Contudo, o poeta admirava sem entusiasmo ou alegria, perturbado com o fato de que tudo aquilo estava destinado a morrer no inverno, assim como a beleza humana e todas as obras fruto do poder criativo dos homens sempre teriam um fim. Parecia-lhe que a transitoriedade tirava o valor daquilo que não é eterno, e logo ele próprio poderia se acabar. Freud, no entanto, acredita que a transitoriedade das coisas não tira o seu valor; pelo contrário, aumenta. Em sua visão, diferente da do amigo poeta, o fato de aquela beleza um dia se extinguir aumenta seu valor.

O famoso pensador lamenta não ter conseguido que o amigo se

sensibilizasse com suas considerações acerca da transitoriedade. Freud começa então a questionar o que poderia ter levado o amigo a fixar-se tanto nessa revolta contra a perda, e conclui que isso deveria estar ligado à nossa dificuldade em aceitar o luto pela morte daquilo que amamos. Somos muito apegados ao que amamos, e é muito difícil dizer adeus ao que nos é precioso.

Mesmo diante da guerra, que destrói vidas e lugares, Freud acredita ser possível manter nossa vontade de reconstrução, apesar do encontro com essa fragilidade da cultura - a destruição em massa. Podemos supor que, ao nos darmos conta de nossas fragilidades - como a dificuldade em nos desapegar das coisas e nossa própria efemeridade - não precisamos recuar para o caminho da tristeza. Podemos, por outro lado, ficar mais cientes da transitoriedade e buscar lidar com as perdas e lutos com mais maturidade, pois fazem parte da vida, até que um dia possamos assumir nossa condição natural - sem tanta dor e pesar - de sermos belos e efêmeros como a flor da cerejeira.

3. Transitoriedade do sujeito contemporâneo pelo viés da psicanálise.

*O tempo do inconsciente não é o tempo que passa,
é um outro tempo, o tempo da mistura,
o tempo do só depois, o tempo da ressignificação,
do a posteriori.*

(Freud, 1915/1996c)

Tomo como base essa epígrafe como proposta para a construção deste trabalho. Assim, buscaremos compreender os diversos significados do que é a transitoriedade e das situações às quais estamos nos referindo.

Retomando o texto de Freud (1915/1969c), “Reflexões para os tempos de guerra e a morte”, ele diz: “No inconsciente, cada um de nós está convicto de sua imortalidade”. Ou seja, no inconsciente não há tempo, tudo é condensado, deslocado, tudo é prazer. Nada do pulsional solicita a crença

na própria morte. Essa crença, essa possibilidade, só é construída secundariamente com a perda do outro, com a dor e a culpa que isso acarreta. Nada tem registro temporal em nosso inconsciente.

A música *Sinal fechado*, de Paulinho da Viola (1970), é de uma intensa melancolia. Ao observarmos as paisagens retratadas por nós, assim como a musicalidade das letras dessa bela canção, percebemos que hoje estamos vivendo uma aceleração de nossa vivência temporal e uma consequente perda do valor da experiência. Não há tempo para usufruí-la, “tantas coisas eu tinha a dizer, ... mas nos foge a lembrança!”. É uma forte experiência do vazio, do nada no existir. O tempo é tudo o que temos, é o que nos resta para construirmos, com o objetivo de dar significado à nossa vida.

Vamos tomar, de forma resumida, o modelo do psiquismo construído por Freud como uma instância temporal. Ele só existe como efeito do trabalho de representar o objeto faltante, o vazio, o pulsional desgarrado. Estamos cheios de objetos faltantes desde nossa origem, próprios do recém-nascido. Para Freud, o tempo é a espera pela satisfação e, nesse momento, o infante ainda não é sujeito, objeto de nosso trabalho. O primeiro objeto surge de forma mítica e em seguida surge a experiência da dor, relacionada à satisfação, sempre baseada na primeira mamada, seguindo a experiência da fome (desprazer).

É diante desse vazio, dessa falta, desse buraco que o psiquismo trabalha. Ele busca sempre a satisfação e, diante da insatisfação, surge o grito na tentativa de presentificar o objeto de satisfação, ou seja, na luta para trazer ou não a presença da mãe. Se a mãe chega atendendo, deixa no bebê a primeira marca de satisfação, e a partir de então ele passa a alucinar. Freud chama isso de representação-coisa. É com base na experiência de alucinação que ocorre o amadurecimento. Vamos analisar, então, a alucinação negativa e positiva junta com o processo alucinatório, que é o processo de hominização. Essa é a marca distintiva dos seres humanos em relação aos animais. Os animais são seres de pura necessidade fisiológica, enquanto nós, seres humanos, somos seres de desejo e, portanto, criamos cultura. Para concluir esse pensamento, podemos dizer que a satisfação

versus dor, diante dessa luta vitoriosa para obtê-la, resulta no modelo de realização de nossos desejos.

Com isso quero dizer que o vazio inaugura o sujeito pela falta, inaugura, como vimos, o psiquismo. Uma mãe que nunca falta ou falha não permite que a criança seja sujeito, não permite que ela construa sua própria subjetividade. Portanto, na origem, o sujeito depende desse tempo vazio. A perspectiva do tempo que transforma as coisas proporciona o recurso mental para fantasiar, favorece o ego elevando-o confiantemente, imaginando que terá um futuro, pois este só acontece no plano da fantasia, do sonho e da esperança.

Imaginem que estamos tratando da base do desamparo do bebê, condição inexorável, havendo a necessidade eminente da presença de uma mãe cuidadora, suficientemente boa, na expressão de Winnicott, para realizar essa medição. Agora, imaginem quando essa função é insuficiente, fria, vazia ou ausente. O que resta para esse bebê? Desespero em vez de um desamparo construtivo e constitutivo para uma subjetividade do sujeito. Medo, angústia, vazio, tédio, solidão, pânico, dores e adoecimentos no corpo e na alma são manifestações que vemos cada vez mais frequentemente hoje em dia. Vamos deixar esse primeiro modelo teórico de base, oferecido pela psicanálise, e tentar fazer um rápido passeio pelo campo social, aproveitando, se possível, esse mesmo terreno semeado por esse saber que nos inspira.

4. Uma breve visão do campo do social

Atualmente, testemunhamos um tempo que passa com enorme rapidez. Diziam que a pressa era a inimiga da perfeição. Hoje, a palavra de ordem é que a tarefa deve ser concluída “ontem”. O que houve com a nossa cabeça, quem é o dono da nossa cabeça? Maria Rita Kelh, em *O tempo e o cão*, mostra que o cidadão foi expropriado, não apenas privado, mas deslocado para alguns senhores. São tempos de capitalismo selvagem, onde o princípio da mais-valia prevalece (Kelh, 2009).

Hoje, o sujeito é alimentado diariamente pelo poder da mídia, instigado a ter tudo e produzir em tempo recorde para adquirir mais. Ele vive à mercê de uma sociedade performática, na qual a beleza, a aparência e o corpo “turbinado” recebem um selo de qualidade, sempre em busca de sujeito, de construir sua própria subjetividade e sucesso a qualquer custo. O tempo não para, logo ele tem que correr atrás dele, atingir metas e superar-se cada dia mais. Correr mais de 20 km já não é suficiente, é necessário estabelecer recordes.

5. Fragmento clínico

Há algum tempo, uma paciente chegou até mim com um quadro de pânico severo, depressão e dores fibromiálgicas. Ela relata que não consegue mais suportar os domingos, pois seguidos pelas segundas-feiras. Nada muito surpreendente nesse relato, já que é algo bastante comum, como se sabe. O que chamou a atenção foi ouvi-la dizer, aos berros e perdendo o controle, que não aguentava mais aquele trabalho no qual foi contratada para servir apenas a um chefe, mas agora a empresa cresceu e todos se acham seus donos. Situações acontecem, como ela conta: “Maria, você não está me ouvindo?” – ela relata – “Eu estava com dois telefones no ouvido e ele puxou um deles para que eu escutasse os seus berros!” Atualmente, essa jovem anda muito esquecida, fato que tenho observado em população ainda jovem.

6. Considerações finais

*Tanta coisa que eu tinha a dizer
... mas me foge a lembrança.
(Viola, 1970)*

Nossa memória é muito evanescente, logo é cindida por outro, e por outros, são muitas as demandas, as paisagens, que nos deslocam a cada

momento turvando a nossa visão. Muitas imagens, muito trânsito e muitas paisagens que geram incertezas e inseguranças. A cada experiência vivida, o sujeito contemporâneo retém lembranças fruídas das coisas vividas pelo caminho da pressa. Nesse imediatismo de suas experiências, o sujeito de hoje guarda muito pouco do momento anterior, sobrecarregado por afazeres e demandas diárias. É como se seu psiquismo se eclipsasse.

Para concluir, sem perder a esperança na sociedade atual, gostaria de dizer que tenho uma imagem nítida de que o sujeito contemporâneo está vivenciando uma falta de prazer preocupante, um sentimento de vazio, desânimo, inutilidade e baixa autoestima, são alguns sintomas que têm acometido grande parte do homem atual. Como profissionais da nossa área, devemos assumir a posição de cuidadores, adotando uma postura de alteridade, para que possamos aliviar o sujeito da contemporaneidade a enfrentar novas saídas. Devemos trocar o lugar do aprisionamento narcísico do melancólico por outro menos solitário, auxiliando-os a desvendar um caminho que desconecte esse intrincamento pulsional, para que possamos dar lugar à vida e ao princípio do Eros.

THE TRANSITORINESS OF THE CONTEMPORARY SUBJECT

ABSTRACT: The purpose of this work is to introduce, by way of a brief theoretical exposition, to the reflections extracted from Freud's texts, fundamentally, what deals with "On transience" (1916/1969b) as well as other Freudian works cited in the text, providing clarifications of the theme. Contributions from some authors in the social field were used to amplify reading comprehension. A brief exposition of the case as a clinical fragment is highlighted. The theme of melancholy (1917/1969a) seeks to provide a greater understanding of the subject, who, in contemporary times, is imprisoned by fixing him in a model of narcissistic drive. A victory of the death drive over life? This question is left open. **KEYWORDS:** transience, emptiness, contemporaneity, subject, culture.

LA TRANSITORIDAD DEL SUJETO CONTEMPORÁNEO

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es presentar, a través de una breve exposición teórica, reflexiones extraídas de los textos de Freud, especialmente "Sobre la transitoriedad" (1916/1969b), así como otras obras freudianas citadas en el texto, con el fin de proporcionar aclaraciones sobre el tema. Se utilizaron aportes de algunos autores del ámbito social para ampliar la comprensión lectora. También se destaca una breve presentación de caso como fragmento clínico. El tema de la melancolía (1917/1969a) busca brindar una mayor comprensión del sujeto contemporáneo, quien se encuentra atrapado en un modelo de

pulsión narcisista. ¿Sería una victoria de la pulsión de muerte sobre la vida? Esta pregunta sigue abierta.

PALABRAS CLAVE: fugacidad, vacío, contemporaneidad, sujeto, cultura.

REFERÊNCIAS

- Da Poin, C. (2001). *Psicanálise, o sujeito e o vazio contemporâneo*. Via Lettera.
- Freud, S. (1969a). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1969b). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1969c). Reflexões para os tempos de guerra e a morte. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1987). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21). Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1990a). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 11, p. 53-124). Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1990b). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 85-119). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21). Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. Boitempo.
- Lipovetsky, G. (1993). *Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Manole.
- Mignone, F. (n.d). <https://citacoes.in/autores/francisco-mignone/>
- Rocha, Z. (2008). Para uma abordagem estrutural da depressão: contribuições freudianas. *Revista de Psicanálise, Psiqué*. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200001.
- Viola, P. (1910). Sinal fechado. *Foi um rio que passou em minha vida* [Álbum]. Philips Universal Music.

carolhenripsi@gmail.com